

A (S) CULTURA (S) AFRICANA (S) EM LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PARA O ENSINO MÉDIO

THE AFRICAN CULTURE (S) IN DIDACTIC BOOK OF HISTORY FOR HIGH SCHOOL



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i1.2287>

Sidnei Marinho de Souza

Doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
sidmarinho@yahoo.com.br



Lana Mara de Castro Siman

Doutora em Didática da História pela Université Laval, Canadá
Professora adjunta da Universidade do Estado de Minas Gerais- FaE/UEMG
lanacastrosiman@yahoo.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-8061-9924>

Recebido em: 26/07/2017 – Aceito em: 28/08/2017

Resumo: Este artigo apresenta a análise de textos e imagens que abordam a (s) Cultura Africana (s) na coleção didática “História Global”, destinada a alunos e professores do Ensino Médio e aprovada na avaliação do PNLD/2012, sendo a mais escolhida por professores do Ensino Médio da rede pública de ensino, no Brasil. Buscou-se evidenciar a concepção de cultura africana veiculada por meio de texto e imagem, a presença de silenciamentos a respeito da produção cultural dos povos africanos, assim como a presença de mudanças reveladoras de uma visão sobre a história e cultura do continente africano despendida de estereótipos, preconceitos e representações eurocêntricas.

Palavras - chave: Livro Didático, Cultura (s) Africana (s), Ensino de História.

Abstract: This article analyses texts and images concerning African Culture presented in the didactic collection “História Global”, which is targeted to Ensino Médio (High School) and was approved on PNLD/2012 evaluation. It was chosen by the majority of public High School teachers in Brazil. This paper intends to highlight the conceptions of African Culture that are conveyed by the texts and the pictures shown and the silencing of cultural production of African people, as well as the presence of changes of perspective about African Culture and History that reveal a new point of view which is free of stereotypes, prejudice and eurocentric representations.

Key Words: Text book, African Culture, History Teaching

Introdução

As pesquisas que abordam o livro didático como objeto de estudo são relativamente recentes, entretanto, é um dos temas mais pesquisados mundialmente. No Brasil, os primeiros estudos tiveram início em 1950 com Dante Moreira Leite e se expandiram nos anos de 1980, 1990 e 2000, o que também representou uma tendência internacional. Neste sentido, vale destacar, dentre outros, os estudos de Circe Bittencourt (1993) que buscam compreender a produção, o conteúdo e o consumo do livro didático; o de Kazumi Munakata (1997) que empreendeu esforço para esclarecer a materialidade do livro, suas condições subjetivas de produção e comercialização; Roger Chartier que, por meio da *História do livro e da leitura*, (1988, 1990, 2002) priorizou em seus estudos a estrutura dos textos, as formas que toma o escrito e as diversas práticas de leitura; e os trabalhos de

Alain Choppin (1980, 1998, 2004) na teorização e balanço da produção.

No Brasil, assinala-se que a multiplicação e diversificação da produção acadêmica ocorrida a partir dos anos 1990 aparece ligada aos interesses dos pesquisadores em compreender os efeitos da formulação de novas políticas públicas no campo educacional brasileiro tais como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que entra em vigor a partir de 1996. De modo especial, a partir dos anos 2000, com a implementação da Lei 10.639/03 que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, assinala-se a presença de estudos que buscam compreender como tem sido abordados os negros na história e cultura afro-brasileira, assim como tem sido abordado o continente africano na sua relação com a história do Brasil e história colonial e com os movimentos de descolonização. Importante destacar que a formulação e implementação da Lei 10.639/03 que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica apresentam-se articuladas ao contexto de lutas empreendidas pelo movimento negro e aos que com esta luta se afinizam contra a discriminação racial e a todas formas de preconceitos e estereótipos contra os negros e a favor de uma educação pela igualdade étnico-racial.

No que tange aos estudos sobre as relações entre negros e brancos em livros didáticos, Silva, Teixeira e Pacífico (2014) ressaltam que a após a virada do século o que ocorre não é somente a retomada de tais estudos, mas um aumento gradativo e constante de pesquisas e publicações envolvendo este instrumento pedagógico. Além disso, grande parte dessas pesquisas está na pós-graduação, na forma de dissertações e de algumas teses (SILVA, TEIXEIRA e PACÍFICO, 2014, p. 32), refletindo a expansão deste segmento educacional no Brasil.

O estudo da iconografia e de sua relação com o texto que nos interessa de maneira especial tem, também, interessado aos pesquisadores, na medida em que as imagens têm sido cada vez mais incorporadas aos livros e ao espaço escolar, visando, dentre outras motivações, a acompanhar a difusão intensa e permanente de imagens pelas diversas tecnologias da comunicação. Esse fato coloca aos produtores de materiais didáticos, aos professores e pesquisadores a necessidade de se sintonizarem com o interesse de crianças e jovens de hoje em dia, no sentido de lhes oferecer instrumentos de leitura de um mundo saturado por imagens. No que toca ao ensino de História, as iconografias são consideradas, a partir do movimento da Nova História, como fonte de conhecimento das diferentes sociedades e temporalidades humanas. Nesse sentido, não tem por função apenas ilustrar o texto ou a narrativa construída pelo historiador ou produtor do texto didático, mas de oferecer outros elementos de compreensão e interpretação histórica.

Sintonizados e sensíveis, em nossa prática docente, ao contexto de lutas contra a discriminação racial dos negros, com estudos atuais a respeito do (s) negro (s) e de sua cultura(s), com a importância dos estudos das imagens enquanto fonte de conhecimento histórico e com a necessidade de oferecer aos jovens instrumentos para a sua leitura dos textos didáticos de História, empreendemos uma pesquisa que buscou analisar como a cultura africana é abordada por meio dos textos e imagens, identificando que mudanças e permanências podem ser observadas nas coleções didáticas. Para isso, buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: a) Qual (is) conceito (s) de cultura é (são) veiculado (s) pelos livros, nos textos e nas iconografias, no que se refere ao continente africano e a África da Diáspora? b) Como se articulam os discursos verbais e iconográficos sobre a cultura no continente africano? c) Quais manifestações e expressões culturais são dadas a ver e ler? d) Comparecem elementos culturais iconográficos e textuais representando as singularidades e pontos comuns do continente africano?

Para fins deste artigo¹, apresentaremos a análise da coleção didática “História Global” do autor Gilberto Cotrim, coleção didática mais utilizada e distribuída pelo MEC no PNLD de 2012.

Análise do texto e das imagens da coleção “História Global”

A Coleção

Por meio do levantamento das imagens referentes à coleção didática “História Global” do PNLD de 2012², conforme quadro abaixo, verifica-se que o número de páginas destinadas especificamente ao estudo da História e Cultura (s) Africanas (s) teve um aumento, se com-

¹Este artigo é um recorte da pesquisa envolvendo livros didáticos de História do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2008 e 2012, realizada no Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) entre os anos de 2013 e 2015, sob a orientação da Dra. Lana Mara de Castro Siman.

²Os livros didáticos do PNLD de 2012, do Ensino Médio, caracterizam por se apresentarem divididos em três volumes. Em relação ao quadro de imagens (quadro 1), vale ressaltar, que pode haver diferença entre o número total de páginas que podem remeter à História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e o número total de imagens pelo fato de algumas vezes termos mais de uma imagem em uma mesma página.

³O PNLEM e o PNLD foram unificados, em 2009, por meio da resolução nº 60 do FNDE.

paramos a versão do Plano Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM)³/PNLD de 2008. No entanto, nesta coleção, estas páginas encontram-se de forma mais expressiva no volume 1, onde há dois capítulos destinados a temática africana. Nos volumes 2 e 3 acontece uma diminuição destas páginas. O número de páginas com imagens de africanos, afrodescendentes e de aspectos das culturas africanas também teve um aumento considerável, de 40 imagens na versão anterior para 73 imagens, na soma dos três volumes da coleção didática do PNLD de 2012. Além disso, percebe-se que muitas das imagens utilizadas na versão anterior foram reutilizadas nesta versão. Nota-se nesta coleção didática que, a maioria das imagens sobre africanos, seus descendentes e aspectos das culturas africanas são representados por imagens que conjugam elementos humanos e não humanos, e são representadas por gravuras, documentos, fotos e obras de arte.

Quadro 1: Imagens referentes à História e Cultura Africana e Afro-Brasileira presentes nos livros didáticos “História Global” do PNLD de 2008 e 2012
Quadro inspirado na tabela de estudo de imagens de Palhares (2012, p. 117-118).

Livros didáticos PNLD 2008 e 2012	Total geral de páginas dos livros	Total de páginas destinadas especificamente à História e Cultura Africana por ano (série)	Total de páginas com imagens que podem remeter à História e Cultura Africana e Afro-brasileira por ano (série)	Total de imagens humanas relativas à História e Cultura Africana e Afro-brasileira por ano (série)	Total de imagens não humanas relativas à História e Cultura Africana e Afro-brasileira por ano (série)	Total de imagens humanas e não humanas relativas à História e Cultura Africana e Afro-brasileira por ano (série)
<i>História Global</i>	Volume único Total: 608 p.	11	40	11	7	22
<i>História Global</i>	1º ano: 320 2º ano: 304 3º ano: 256 Total: 880 p.	1º ano: 22 2º ano: 13 3º ano: 5	1º ano: 28 2º ano: 31 3º ano: 14	1º ano: 3 2º ano: 3 3º ano: 4	1º ano: 12 2º ano: 4 3º ano: 1	1º ano: 22 2º ano: 24 3º ano: 9

Esta coleção possui dois capítulos destinados à História e Cultura (s) Africana (s). Trata-se do capítulo VI, denominado “Egípcios”, que consta na unidade III intitulada “As primeiras civilizações”. Observa-se aqui uma mudança no título da unidade, não se associa a civilização egípcia à antiguidade oriental como foi feito na versão anterior; e do capítulo XII, denominado “Povos africanos”, ambos presente no volume 1 desta coleção.

O capítulo sobre os “Egípcios” inova, em seu texto introdutório, na medida em que afirma que na terra dos faraós, das pirâmides, do papiro, das múmias e da Esfinge, o Egito Antigo despertava grande interesse já entre seus contemporâneos. Para lá partiram sábios e artistas que depois difundiram aspectos da cultura egípcia em vários pontos do mundo (COTRIM, 2010, p. 73).

Entretanto, embora o texto tenha evidenciado a influência da cultura egípcia em outras partes do mundo, silencia que a cultura egípcia é uma cultura africana. Desse modo, como ocorreu na obra didática do PNLEM de 2008, os aspectos culturais egípcios, como por exemplo: a crença na vida após a morte, os conhecimentos de química, matemática, astronomia, de artes plásticas, medicina, as práticas de cultivo, os conhecimentos de arquitetura, dentre outros, são apresentados tanto no texto didático como nas imagens presentes no capítulo, porém, estes elementos não são apresentados aos alunos como elementos culturais africanos. Muitos destes elementos culturais se fazem presentes até hoje em várias culturas africanas e também em outras localidades do mundo em função da diáspora.

Constata-se, também, que a maioria das imagens vinculadas ao Egito, são imagens representadas por obras de artes, que demonstram o grande vínculo da cultura egípcia com a religião, o que é observável em inúmeras culturas africanas. Contudo, percebe-se que a cultura no capítulo VI está direcionada para o passado, um conceito de cultura que nos parece fixo, uma vez que em nenhum momento é apresentado aos alunos, seja por

meio do texto didático ou de imagens as modificações e readaptações sofridas pela cultura egípcia ao longo do tempo. Isso pode ser percebido por meio dos seguintes trechos do texto didático:

A religião era um aspecto muito importante da vida no Egito Antigo. Tanto que teve profunda influência nas atividades culturais (...)

Considerável parcela da produção artística do Egito Antigo foi influenciada pela religião. Isso é observável especialmente na arquitetura, em que o culto aos deuses levou à construção de belos templos (...) (COTRIM, 2010, v. 1, p.78-79).

O capítulo XII do livro, denominado “Povos africanos”, inicia-se com a imagem de uma escultura africana seguida de duas questões, conforme pode ser observado por meio da figura, a abaixo.

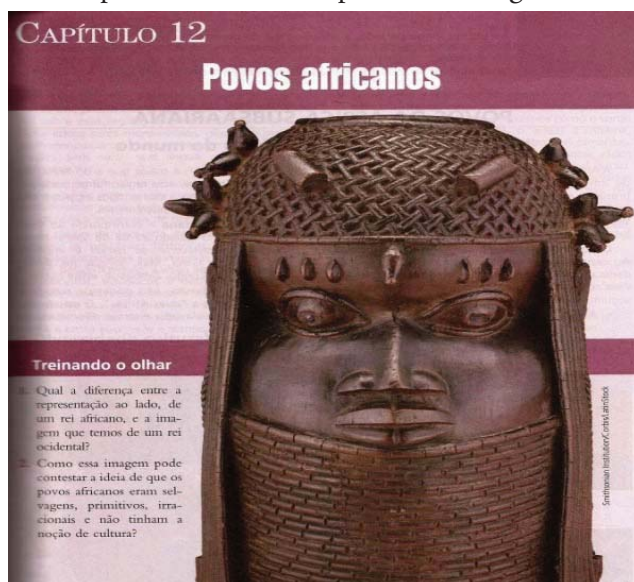


Figura 1: Escultura representando a cabeça de um rei de Benin (séc.XVIII)
COTRIM, 2010, v. 1, p. 165.

O recurso didático utilizado pelo autor para dar início ao capítulo é interesse, pois, por meio da imagem e da exploração de sua representação o autor busca perceber e trabalhar o imaginário dos alunos com o objetivo de desconstruir todo um imaginário há bastante tempo propagado de que os povos africanos eram selvagens, primitivos, irracionais e que não tinham cultura.

Outro ponto que merece destaque no capítulo é o reconhecimento por parte do autor de que a África é o berço de uma das mais antigas histórias do mundo. Além disso, o autor optou no texto didático desta obra, por estudar os povos da África Subsaariana, ou melhor, África Sul-saariana⁴. Dessa forma, ele afirma que:

A África é um continente com mais de 30 milhões de km², aproximadamente 3,5 vezes o território brasileiro atual. Abrange uma população superior a 900 milhões de habitantes, distribuídos por 53⁵ países (em 2006). É o segundo continente mais populoso, superado apenas pela Ásia (COTRIM, 2010, v.1, p. 166).

O autor do livro “História Global” também confirma que

o continente nunca foi homogêneo. Ao contrário, sempre se caracterizou pela pluralidade de paisagens, povos sociedades e culturas (COTRIM, 2010, v.1, p. 166).

Além disso, segundo o autor, os estudiosos costumam dividir o continente em África setentrional e África subsaariana. A primeira parte corresponde ao norte do continente, quase inteiramente ocupada pelo deserto do Saara. Região ocupada por egípcios, cartagineses e muçulmanos. A segunda parte corresponde ao território situado ao sul do deserto do Saara, onde se estabeleceu inúmeros reinos e impérios.

Contudo, o continente africano é caracterizado por abrigar diversas civilizações, milhares de etnias e culturas distintas. Possui cerca de 1,216 bilhão de habitantes (2016)⁶ e estes, segundo Munanga (2009), estão distribuídos entre centenas de povos que falam diversas línguas ao mesmo tempo *diferentes e semelhantes*

(MUNANGA, 2009, p. 13).

O autor da obra didática salienta, também, que apesar dessa divisão, não se deve reduzir o continente africano a “duas Áfricas”. Dessa forma, cita Alberto da Costa e Silva (2002) para afirmar que o estudo dos povos africanos revela uma enorme diversidade de maneiras de fazer, pensar e viver, que torna a África várias Áfricas.

Neste sentido, para se pensar na construção cultural, política e econômica africana é preciso ter conhecimento dos aspectos geográficos e das migrações históricas ocorridas no continente que contribuíram decisivamente para dar origem aos diversos povos africanos. Por meio da figura 2, de certa forma, o autor do livro “História Global” ilustra esta diversidade presente no continente, porém, nenhuma questão foi levantada em relação a estas imagens com vistas a uma análise das mesmas.

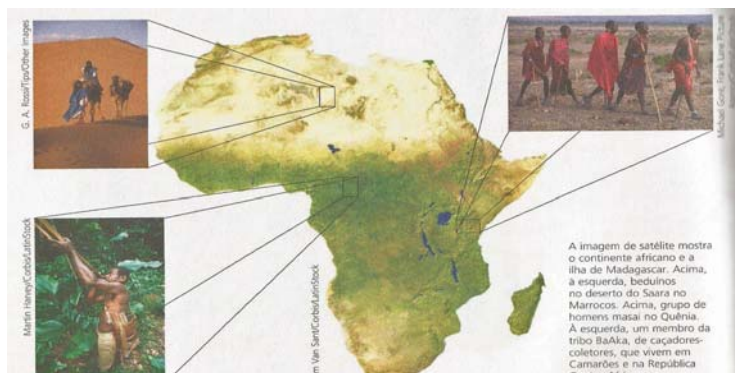


Figura 2: Algumas imagens retratando povos do continente africano
COTRIM, 2010, v. 1, p. 166.

Assim, conforme Silva (2008), a África antes da chegada dos europeus encontrava-se dividida em três partes: a África do Norte, a região do Sahel (região de transição que recebia influências tanto das culturas africanas como da cultura árabe) e a África Subsaariana. *Sendo o deserto do Saara o marco natural para essa divisão.* Ainda, segundo o autor, essa divisão tem como fundamento as características geofísicas do continente. Pois, a África na verdade é um continente enorme, com grande diversidade geográfica. Nela há de tudo: altas montanhas – algumas como o Kilimanjaro, com os picos permanentemente cobertos de neve; grandes desertos, como o Saara; florestas que parecem sem fim, como a do Congo; grandes extensões de matas baixas e estepes e zonas que estão sempre alagadas. Entretanto, cerca de metade do continente é formada savanas. Numa região, faz frio na maior parte do ano. Noutras, predomina o calor seco ou absoluta falta de umidade caracterizada pelo deserto. Nas regiões costeiras do norte do continente e na parte meridional da África do Sul, o clima é temperado, com as quatro estações bem definidas (...) (SILVA, 2008, p. 12).

Desse modo, o fator geográfico, aqui representado por sua diversidade, foi determinante na fixação dos povos africanos em algumas partes do continente. O deserto do Saara, por exemplo, dificultou a fixação de pessoas em função da dificuldade com a agricultura. Logo, a busca por terras cultiváveis e por água fez com que muitos dos primeiros povos africanos fossem nômades. Entretanto, segundo Serrano e Waldman (2008), é importante frisar que as imagens culturalmente construídas e veiculadas nos meios *televisivos* [grifo meu], sobre os desertos, solicitam vários reparos. Pois, no Saara apesar da escassez de água e dos rigores climáticos, a imagem de ausência de vida é falsa. Neste sentido, apesar de reduzida, a fauna e a flora estão presentes nas terras do deserto e, inclusive, estas são ocupadas há milênios por vários povos, como por exemplo, pelos *tuaregs* (nômades também conhecidos como homens azuis em função do índigo que utilizam para tingir suas roupas); falam um idioma berbere próprio, dispõem de alfabeto específico e mantêm tradições muito distintas dos árabes e dos berberes sedentários (SERRANO e WALDMAN, 2008, p. 66-67).

Com o passar do tempo, a condição de nômade foi mudando devido à fixação de alguns povos próximos às margens dos rios. A agricultura foi então responsável pela sedentarização de algumas sociedades africanas. Dessa forma, apesar da dificuldade encontrada por alguns povos, outros já viviam, por exemplo, nas regiões do Sahel e África Sul-saariana da prática da

⁴Preferimos utilizar a expressão Sul-saariana por fazer uma relação direta às terras ao sul do Saara. Pois, a expressão África Subsaariana pode possibilitar a construção por parte dos alunos da ideia de uma localidade subdesenvolvida, pobre, atrasada.
⁵Hoje são 54 países em função do surgimento do Sudão d o Sul.
⁶Dado disponível em <https://www.google.com.br/search?site=&source=hp&q=populacao+atual+do+continente+africano&coq=populacao+atual+do+continente+africano&gs_l=psy-b.3...2196.26349.0.28236.38.38.0.0.0.249.5974.2j29j5.36.0....0...1.1.64.psy-ab..2.29.4621...0j0i131k1j0i22i30k1.MbVmDdafkdI> acesso em 15/07/2017.

agricultura e das intensas trocas comerciais. Assim, à medida que as pessoas se adaptavam a diferentes ambientes, a cultura também foi se diferenciando. A própria língua dos diversos povos africanos também se diferenciava e se readaptava a cultura de outros povos.

Portanto, aqui fica claro que para compreender as culturas africanas é preciso pensar em cada povo e no local que este vive, pois, os aspectos geográficos contribuíram e, ainda, contribuem diretamente para o modo de viver e de se expressar dos africanos. Desse modo, muitas vezes, ser nômade, pastor, agricultor e comerciante, estava diretamente ligado às condições de vida impostas pela própria natureza. Além disso, a experiência coletiva, em ambientes diversos foi configurando culturas diferentes, mas que na sua maioria possuíam o culto aos ancestrais como um elemento cultural comum.

Contudo, embora os aspectos geográficos sejam importantes para se entender as culturas africanas, estes não foram abordados no texto didático do livro “História Global”. Entretanto, percebe-se ao longo do capítulo, a preocupação do autor da obra em evidenciar que os diferentes povos africanos sempre transformaram a natureza e construíram uma grande variedade de modos de ser e viver. Dessa forma, afirma que: essa variedade cultural pode ser observada nas dimensões heterogêneas da vida social: sua produção econômica e artística, suas religiões, suas organizações políticas, etc (COTRIM, 2010, v. 1, p.167).

E, destaca também que

foram importantes para o desenvolvimento das distintas sociedades africanas as trocas culturais e comerciais entre as regiões africanas e áreas fora do continente. Na antiguidade houve contatos com diferentes povos, como os egípcios. Posteriormente, com os povos muçulmanos (...), persas, indianos, árabes e *europæus* [grifo meu]. Os principais produtos desse comércio de longa distância eram o sal, ouro, cobre, marfim, peixe seco, gado, camelos, cabras, carneiros, sorgo, cevada, trigo, etc (COTRIM, 2010, v. 1, p.168).

Neste sentido, Serrano e Waldman (2008) afirmam que a África foi prodiga em trilhas, que além de permitirem o trânsito de inovações culturais, constituíram, é evidente, canais para que se processassem fusões culturais de todo o tipo. E ainda nos chamam à atenção que o comércio no continente possuía vários significados, não se restringindo a um papel meramente econômico. O mercado, por exemplo, por meio das trocas comerciais, significava também um espaço onde se fortificava o sentimento de solidariedade e a consciência da coletividade.

O comércio da noz de cola, fruto que possui propriedades psicoestimulantes, ocorria envolvendo longas distâncias e percebe-se que este fruto possuía uma utilização bem comum entre os diversos povos, era utilizado nos ritos e nas cerimônias religiosas. O comércio do sal, da mesma forma, foi responsável por promover contatos não só pelo interior do continente africano, mas também contatos transcontinentais, e dessa forma, costumes, tradições e até mesmo religiões, como por exemplo, o catolicismo e o islamismo foram introduzidos, na África, em função dos contatos comerciais.

As rotas comerciais, em função da circulação de riquezas, acabaram se tornando também objetos de disputas, conflitos e espaços pertencentes a Estados que passaram a controlar o comércio de determinadas mercadorias inclusive a cobrar tributos pela utilização destas localidades. Há neste capítulo, inclusive, a apresentação do Reino de Gana, Reino do Mali e do Congo. O primeiro reino é destacado pela existência de um mercado bem desenvolvido onde se comercializava animais (carneiros e bois), artesanato (máscaras, joias, adornos feitos de marfim, ouro e cobre), sal, etc. O segundo é caracterizado por uma população malinesa composta por várias etnias, destacando-se entre elas, os mandingas, nome atribuído aos africanos dessa região que praticavam o islamismo e viviam da exploração do ouro, agricultura, pecuária, pesca e artesanato. É destacado também neste reino as cidades de Tombuctu, Djenné e Gao, importantes centros comerciais. Tombuctu, segundo o autor do livro, transformou-se em cen-

tro cultural islâmico na África Ocidental e Djenné destaca-se pela presença da maior mesquita do mundo feita em adobe.

O terceiro reino, o do Congo, é caracterizado pela presença dos povos bantos, que ocupam amplas regiões do centro e do sul da África. O autor do livro destaca neste reino o contato com os europeus que aconteceu de forma amistosa e inclusive com o estabelecimento de parcerias comerciais. Os europeus se surpreenderam com a organização da sociedade congoleza, comandada por um rei cercado por uma corte e por conselheiros, uma vez que essa não era a representação que os mesmos tinham a respeito do continente africano.

Assim, por meio do comércio, as relações com Portugal foi se estreitando a ponto inclusive do chefe africano permitir a presença de missionários naquela localidade. Vale destacar também que o comércio de pessoas, ou seja, o tráfico negreiro contribuiu para que alguns chefes africanos tornassem mais poderosos e expandissem seus territórios e aldeias tributárias. Desse modo, conforme Souza (2002), essas expansões davam-se por meio de guerras que mediam o poder dos chefes, estabeleciam novas composições políticas e territoriais, e produziam escravos, disputados pelos mercados interno e externo.

Ainda, segundo Souza (2002), o aumento do envolvimento de chefes africanos com o tráfico, permitiu-lhes o acesso a mais riquezas e prestígio, além da cobiça pelas armas de fogo que os portugueses relutavam em comerciar. Contudo, segundo a autora, o desejo de conversão ao catolicismo por parte, por exemplo, do rei do Congo e de seus representantes, conforme figura 3, demonstra também o desejo de acesso a novos ritos, objetos, tecnologias e conhecimentos (SOUZA, 2002, p. 100). Tudo isso, evidência as constantes trocas culturais envolvendo os portugueses e os congolezes e, além disso, as mesmas demonstram o quanto à interação e até mesmo a absorção de aspectos culturais foi de suma importância, naquela época, para o aumento do poder, da riqueza e construção de imensos reinos, entretanto, isso também contribuiu para aumentar a concorrência e as divergências entre inúmeros chefes africanos que passaram a ser concorrentes no grande comércio representado pelo tráfico de africanos. Logo, conforme Souza (2002) era muito comum até meados do século XVII, a alternância entre o estabelecimento e o rompimento de alianças entre chefes africanos e portugueses (SOUZA, 2002, p. 102).

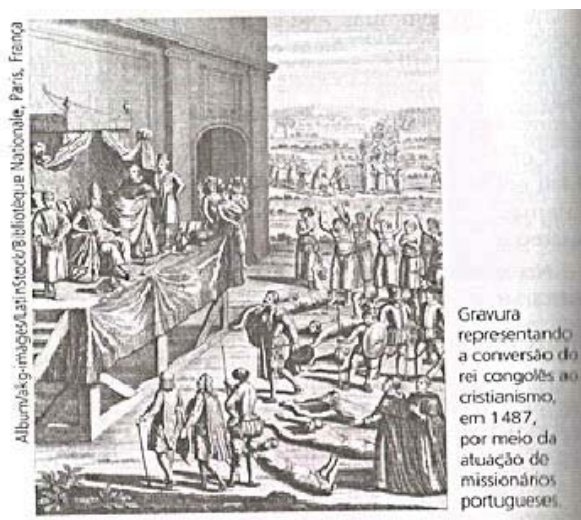


Figura 3: Gravura – Conversão do rei congolês ao cristianismo, 1487. COTRIM, 2010, v. 1, p. 172.

Conforme Serrano e Waldman (2008), tal tendência demonstra que em África também se pairava as demandas do chamado “mundo pré-moderno”. Logo, observa-se que o continente africano nunca esteve isolado dos demais e, como tal é influenciado, influenciou e ainda influencia os demais. Entretanto, embora berço da humanidade e da civilização, injustamente foi marcada por categorias precon-

ceituosamente construídas com objetivo de dominá-la.

No que diz respeito a uma visão preconceituosa, ainda, existente a respeito de África, o autor da obra, busca desconstruir a mesma, na medida em que salienta no capítulo que durante muito tempo houve concepções preconceituosas em relação aos povos da África subsaariana. Tais concepções os reduziam a sociedades homogêneas, movidas por costumes selvagens e crenças animistas (crença que personifica certos fenômenos da natureza, atribuindo-lhes “alma”).

Todavia, a partir da segunda metade do século XX, porém, as pesquisas históricas e antropológicas sobre as sociedades subsaarianas passaram a questionar, pouco a pouco, a visão anterior, marcada por preconceitos, equívocos e desinformações. Novos estudos foram recuperando a diversidade dos povos africanos e suas múltiplas culturas, desenvolvidas ao longo de milênios de história (COTRIM, 2010, v. 1, p.167).

Além disso, as atividades presentes no decorrer do capítulo e ao final do mesmo, também, contribuem positivamente para desconstrução de todo um imaginário negativo existente a respeito do continente africano, de seus povos e de suas culturas, conforme pode ser observado a seguir.

OFICINA DE HISTÓRIA

Explorar & Refletir

1. Observe as fotografias abaixo, que representam expressões artísticas africanas.

Colunata do Templo de Luxor, Egito.
Ruínas da Grande Zimbábue.

a) Relacione suas observações à frase: "Imensidade e diversidade são dois termos que se aplicam à África"
 b) Debata essa afirmação em grupo. Depois, elabore um texto com as suas reflexões.

2. Na primeira metade do século XIX, o filósofo alemão Friedrich Hegel escreveu que a África "não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento" (HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Brasília, Ed. UnB, 1995. p. 88.)

a) Converse com o professor de Filosofia para compreender aspectos do pensamento de Hegel que explicariam a afirmação anterior.
 b) Elabore um comentário sobre essa afirmação de Hegel.
 c) Em sua opinião, a África está ausente da história mundial na atualidade? Justifique.

3. "Interessar-se pela história da África significa, também, interessar-se pela história do Brasil."
 • Discuta em grupo essa afirmação. Depois, escrevam um texto comentando aspectos da relação histórica afro-brasileira.

Questão de seleção para a universidade

(UFPE) No século XVI, a necessidade de garantir o abastecimento contínuo de força de trabalho escrava para a América produziu alianças políticas entre representantes dos interesses coloniais e reinos africanos. Sobre esta questão, analise as proposições abaixo.

a) Estas alianças regularizaram as trocas de mercadorias, instalações de feitorias e de fortalezas.
 b) O Estado português foi o único a estabelecer alianças políticas com reinos africanos durante os séculos XVI e XVII.
 c) As trocas de mercadorias entre África e Brasil foram monopolizadas pelos comerciantes brasileiros desde o século XVI.
 d) A demanda de africanos transformados em escravos, para abastecer a América, cresceu ao longo do século XVII, provocando uma disputa entre vários comerciantes europeus, na tentativa de dominar áreas fornecedoras.
 e) Estas alianças políticas possibilitaram a presença de missionários europeus em vários territórios africanos, para realizar o trabalho de converter e catequizar a população nativa ao cristianismo.

Figura 4: Atividade proposta no final do capítulo – “Oficina de História”
 COTRIM, 2010, v. 1, p. 172-173.

Contudo, o estudo da África propicia uma releitura passível de ser desenvolvida mediante uma abertura de outro mote (SERRANO e WALDMAN, 2008, p. 92). Neste sentido, Georges Balandier (1976) afirma que essa abertura trata de romper com o pensamento eurocêntrico e com as doutrinas que estabelecem hierarquias para diferenciar os indivíduos (...).

Ainda, no capítulo XII do livro “História Global”, seu autor nos chama a atenção, que no século XVI os africanos passaram a

plantar vários vegetais – como mandioca, ananás (abacaxi), cacau, tabaco, amendoim, caju, goiaba e feijão – levados do Brasil para África por ex-escravos e europeus (COTRIM, 2010, v. 1, p.167).

Percebe-se por meio da análise exposta até aqui que, o conceito de cultura apresentado pelo autor do livro, neste capítulo, dialoga com conceito de cultura defendido na pesquisa. Pois, a cultura foi apresentada como algo vivo, que se transforma, sofre readaptações e resigunificações. Sendo assim, as culturas africanas influenciaram e também foram influenciadas por outras culturas e este processo continua nos dias atuais.

Desse modo, o autor da obra, também, nos apresenta uma preciosidade quando afirma que

devido à influência egípcia, o arado também era muito utilizado na região da antiga Etiópia bem antes do século XVI (COTRIM, 2010, v. 1, p.167).

Esta afirmação evidencia que apesar da diversidade cultural presente no continente africano também é preciso pensar na existência de uma unidade cultural. E esta unidade cultural, conforme as obras de Diop (1974, 1978a) e de Theophile Obenga (1980) teria a cultura egípcia como referência da unidade básica entre as culturas africanas (Nascimento, 2008, p. 50-51). Contudo, pensando no capítulo “Povos africanos” aqui analisado, constata-se que o autor do livro “História Global” evidencia a diversidade cultural presente em África, porém, não trabalha com a possível existência de uma unidade cultural para o continente.

O autor, por meio de um pequeno texto complementar presente em um “*boxe*” do capítulo, também cita as influências das culturas africanas no Brasil, ocorrido em função da diáspora. Afirmando que:

a maioria dos africanos escravizados que vieram para o Brasil pertencia aos povos bantos (...). E em função disso, algumas palavras bantas foram incorporadas à língua portuguesa, como por exemplo: banguela, bagunça, cachaça, cachimbo, caçula, carimbo, encafifar, lenga-lenga, mambembe, maracutaia, moleque, quilombo, xingar, zonzos, dentre outras (COTRIM, 2010, v.1, p. 171).

Neste sentido, segundo Oliveira (2006), na diáspora africana, o que vem para o Brasil não é a estrutura físico-espacial das instituições nativas africanas, mas sim, os valores e princípios negro-africanos, os aspectos civilizatórios. Dessa forma, o território afro-brasileiro não é o espaço físico africano, mas a forma com que os negros brasileiros singularizam o território nacional. Esse “novo espaço” é simbólico e cultural, marcado pela singularização da cultura negra, por seu real vivido, por sua dinâmica civilizatória, por sua filosofia, que marca definitivamente a formação social brasileira (OLIVEIRA, 2006, p. 85).

Ainda, segundo o autor, ao mesmo tempo em que a diáspora significou uma ruptura violenta com os valores civilizatórios africanos, ela também contribuiu para que os mesmos fossem espalhados pelo mundo. Além disso, nesse processo, não foi possível aos africanos transladar suas instituições sociais para os novos espaços, entretanto, os mitos e os ritos de suas tradições, foram preservados (guardados) na memória e readaptados aos novos contextos de vida, principalmente, por meio da religião.

Enfim, vale destacar aqui que, a existência de uma unidade cultural africana não nega a existência de uma diversidade cultural entre os diversos povos do continente africano. Elas coexistem, são elos inseparáveis.

Considerações finais

Por meio desta análise, constatamos silêncio, representações eurocêntricas e mudanças que vem sendo implementadas nos livros didáticos, principalmente, a partir da segunda avaliação feita pelo MEC por meio PNL D de 2012. Além destes aspectos, podemos apontar que houve um aumento no número de capítulos destinados especificamente à História e Cultura (s) Africana (s), mas que, entretanto, ainda prevalecem: a história e as culturas de povos africanos que viveram no continente antes da chegada dos europeus ou durante o período colonial, sobressaindo os estudos sobre a costa ocidental do continente em detrimento da costa oriental; o predomínio de representações vinculadas ao período colonial e imperial brasileiros, com destaque para as imagens canônicas de Debret e Rugendas, quando pensamos os africanos, seus descendentes e suas culturas no Brasil, em função da diáspora; o não reconhecimento da civilização egípcia como uma civilização africana e negra. Entretanto, destaca-se uma melhoria considerável em relação à qualidade das imagens (tamanho, cores, legibilidade) e de suas respectivas legendas.

Referências Bibliográficas

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: Introdução às antigas civilizações africanas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **A matriz africana no mundo**. Revista Sankofa. São Paulo: Selo Negro, v. 1, 2008, p. 55-72.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D' África**: A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACÍFICO, Tânia Mara. Programas de distribuição de livros e hierarquias raciais: o que dizem os alunos negros/as? In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 23-45.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Coleções Didáticas:

COTRIM, Gilberto. **História Global**: Brasil e Geral. volume único. 8ª ed. São Paulo, 2005.

COTRIM, Gilberto. **História Global**: Brasil e Geral. v.1, 2 e 3. 1ª.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.